

Património e Identidade

Ricardo Vieira
Fernando Magalhães
(Orgs.)



Ficha Técnica

Título Património e Identidade

Organizadores Ricardo Vieira, Fernando Magalhães

Revisão Maura Mendes

Edição Profedições, CHD / IPLeiria

Concepção Gráfica SerSilito-Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem 750 exemplares

Depósito legal 288411/09

ISBN 978-972-8562-60-1

1ª Edição

2009

Profedições, Lda. / Jornal a Página
R. D. Manuel II, 51 c - 2º andar - sala 2.5
4050 Porto
Tel. 226002790 - Fax 226070531
livros@profedicoes.pt
<http://www.apagina.pt>

Agradecimentos

Instituto Politécnico de Leiria

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria

Jornal de Leiria

CARTES - Associação de Autores das Cortes

Câmara Municipal de Leiria

Grupo Etnográfico Danças e Cantares da Nazaré

Bibliotecas Municipais do Distrito de Leiria

Rancho Folclórico Rosas do Lena

João Delgado

Augusto Mota

Introdução

Ricardo Vieira e Fernando Magalhães

CiHD - IPEiria

Os museus de sítio, locais, regionais, bem como os monumentos que se inscrevem na história de uma nação ou de uma região (religiosos, civis e outros), os objectos produzidos pelo artesanato (cerâmica, vidro, têxteis, vime e outros), pela indústria, pela agricultura, pelas artes, etc., constituem-se como *media* privilegiados através dos quais se faz a identificação de um povo a um espaço e a um tempo e, portanto, se fabrica a identidade.

Da mesma forma, o património imaterial, sejam as canções, as danças, os provérbios, os mitos, as romarias ou as feiras, são símbolos aglutinadores de uma comunidade na medida em que as pessoas as usam como reforço e coesão do “nós” social.

Assim se constrói a memória de um povo, de uma aldeia, de uma freguesia, de um concelho, de um distrito, de uma região, de um país. São as imagens do passado e a ritualização da memória, ainda que usando sempre a (re)invenção da tradição, que reforçam a ordem social presente. Efectivamente, *«é uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões»* (Connerton, 1993: 3).

Surgem sentimentos mais fortes ou mais fracos de identificação com uma região. É assim também, no caso de Leiria, onde elementos como a fotografia, o cinema, o teatro, o vidro, o património monumental, bem como os objectos afectos a uma região onde o mar e a terra se encontram, têm servido os discursos que fazem a região de Leiria.

Com este ciclo de conferências confrontam-se discursos diversos de académicos e outros agentes culturais de Leiria que permitem evidenciar a heterogeneidade de materiais que servem as representações culturais da região. Uma análise e compreensão aprofundada das instituições, museus, processos museológicos, monumentos religiosos, civis e outros, é vital para pesquisarmos como os sentimentos subjectivos de pertença das populações que habitam a região de Leiria se manifestam materialmente.

A legitimação da memória e o processo identitário não são, contudo, pacíficos. Não se trata de um processo passivo. A legitimação e afirmação dos marcadores identitários de uma região passa por negociações, interações, conflitos e antagonismos vários. Nesta interacção há jogos de poder na reivindicação sobre quem decide, como e o que serve para objectivar uma identidade.

A identidade não é, assim, uma coisa acabada, não é uma essência necessariamente materializada no património arquitectónico, monumental, etnológico ou outro. A identidade não é sinónimo absoluto de algo herdado do passado. Esse apego primordialista da busca da identidade leva a um olhar dualista sobre a mesma: ou se tem ou não se tem identidade. Ora, a identidade, como processo de identificação, é dinâmica e é simultaneamente passado (a memória, reactualizada pela preservação dos objectos bem como pela ritualização dos mitos por intermédio das romarias, festas, procissões, festivais de folclore e outros), presente e futuro (o projecto colectivo). Não estamos, portanto, a falar do “carácter único, regional e idiossincrático de Leiria” à semelhança do que fez o antropólogo Jorge Dias para Portugal, em meados do século passado, ou mesmo Jaime Cortesão no seu “Universalismo da Cultura Portuguesa”.

O nosso olhar não é o do folclorista que tantas vezes coisifica a cultura de cada espaço em volta de denominadores comuns relativos à habitação, à indumentária, ao património, à gastronomia, etc., encerrando a cultura num passado fossilizado e fechando-se à ideia do projecto que cada comunidade idealiza para si, planifica, e, tantas vezes, concretiza.

Para José Mattoso, na sua obra “A identidade Nacional” de 1998 (Gradiva), e retomando o trabalho do psicólogo Eric Erikson, para identificar um objecto é preciso: 1) distingui-lo de qualquer outro; 2) atribuir-lhe um significado; 3) conferir-lhe um valor.

A identidade é, aqui, também, e antes de mais, um sentimento de pertença, de identificação. Assim, neste modo de pensar, pessoas há que poderão ser culturalmente diferentes e identificarem-se com as mesmas coisas: mesmos símbolos, mesmos ideais, os mesmos centros de poder, etc. Pode haver identidade na diversidade. Identidade não é necessariamente sinal de uniformidade cultural. Identidade é força colectiva,

criadora também de novos futuros. Novos futuros que, também, não têm que romper necessariamente com todo o passado. Podem, ao invés, readequá-lo a novas conjunturas económicas, novas oportunidades políticas que reconstróem o todo social e sentimento de pertença, de auto e de heteroimagem.

A identidade é também relacional. A identidade não é, pois, como foi dito, algo de estático, uma essência única e distinta de todas as outras. A distinção é também uma construção. A diferença com a qual nos comparamos para nos tornarmos fortes é, assim, tantas vezes, criada, para não dizer mesmo inventada. Por isso, como já dizia Barth (2004), e em meados do século passado, a diferença é mais social do que cultural. Estamos, nesta linha, próximos também do que nos diz o historiador Eric Hobsbawm (1983) na sua obra "A invenção da tradição".

Por isso afirmamos reiteradamente que as pessoas e as comunidades não se pensam no vazio. Fazem-no de uma forma relacional. Fazem-no por referência a outrem, no caso presente por referência também ao património dos outros. Mesmo que haja semelhanças materiais, artísticas, monumentais, patrimoniais entre alguns grupos, a verdade é que as comunidades recriam e usam o *bricolage* identitário para se distinguirem dos outros, com os quais não se querem identificar, combinando de maneira diferente os mesmos símbolos e ícones patrimoniais.

Este livro resulta da passagem da oralidade à escrita de um conjunto de conferências que o Centro de Investigação Identidades e Diversidades (CIID) promoveu na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria, entre os meses de Fevereiro e Maio de 2005.

O primeiro capítulo que dá pelo nome de Fotografia, Cinema e Teatro em Leiria, tem textos de Luís Mourão e Carlos Alberto Silva, dois animadores e intelectuais da região de Leiria que muito possuem para contar sobre a história do teatro e do cinema em Leiria.

O capítulo 2 versa o papel do vidro na construção da identidade da região de Leiria, através dos textos de Emília Marques que pensa o processo das identidades vidreiras como hipótese da passagem de uma cultura local à regional, e de Fernando Magalhães que pensa o vidro enquanto elemento identitário da região de Leiria, nomeadamente a metamorfose do capital económico em capital cultural.

O terceiro capítulo é dedicado a pensar a reconstrução do património imaterial dos imigrantes brasileiros em Portugal. É introduzido por Cristóvão Margarido que mostra que as dimensões objectivas condicionam mas deixam um campo em aberto para cada imigrante reconstruir o seu *self* na trajetória social. Através do estudo de algumas trajetórias sociais e de alguns casos concretos que enformam diferente modelos de ser imigrante entre a cultura de origem e a cultura de partida, Ricardo Vieira e José Trindade, em consonância com um documentário do CIID realizado com imigrantes brasileiros em Leiria, apresentam alguns ideais tipo para desconstruir a ideia homogénea de cultura dos imigrados.

No património monumental, 4º capítulo desta obra, surgem-nos três textos diversos no tema e no enfoque, de Saul António Gomes, professor da Universidade de Coimbra, de Dina Alves e de Fernando Magalhães, professores do Instituto Politécnico de Leiria, mas que têm em comum a análise de como o património monumental serve os discursos de construção de uma identidade regional.

Finalmente, o 5º capítulo, denominado "Património Cultural: A Terra, o Mar, Camponeses e Pescadores", apresenta textos de Ricardo Vieira, Acácio de Sousa, José Travaços dos Santos, Fernando Barqueiro e José Trindade, que oscilam entre a análise da comunidade como construção cultural e a comunidade como construção social no sentido da reconstrução resultante do jogo dialéctico entre os de dentro e os de fora (Barth, 2004).

Referências bibliográficas

- BARTH, F. (2004). "Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade", in VERMEULEN, H. e GOVERS, C. (2004). *Antropologia da Etnicidade: Para além de "Ethnic Groups and Boundaries"*, Lisboa: Fim de Século, pp. 19-44.
- CONNERTON, P. (1993). *Como as sociedades recordam*, Lisboa: Celta.
- HOBBSBAWN, E. (1983). *The Invention of Tradition*, Cambridge: Cambridge University Press.

FOTOGRAFIA, CINEMA E TEATRO EM LEIRIA